

“A CULPA É MINHA”: PERSPECTIVAS LEVINASIANAS PARA UMA LEITURA DA OBRA *A HORA DA ESTRELA*, DE CLARICE LISPECTOR

Hadson José Gomes de Sousa¹
hadsonsousa@hotmail.com

O rosto é clamor e exigência ética, ignorá-lo é viver no vazio do egoísmo individualista da autoconsciência.

Emmanuel Lèvinas

O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. É dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar a vida. Por que há direito ao grito. Então eu grito.

Clarice Lispector

Resumo: Dialogar o pensamento ético de Emmanuel Lèvinas e a última publicação em vida de Clarice Lispector resultou em: “A CULPA É MINHA”: PERSPECTIVAS LEVINASIANAS PARA UMA LEITURA DA OBRA *A HORA DA ESTRELA*, DE CLARICE LISPECTOR. Para ler a obra clariceana a partir destas perspectivas, optou-se por um caminho que aborda o *Ideatum* – ideia adequada – de algumas “ideias” alavancadas pelo filósofo judeu-lituano na sua crítica à ontologia, que o leva a engendrar a Metafísica da Alteridade. A novela *A Hora da Estrela*, analisada deste escopo, compartilha, portanto, do mesmo espírito denunciador de um sistema excludente, que aniquila o Outro e torna o Eu prisioneiro de si em si-Mesmo.

Palavras-chave: *A Hora da Estrela*. Ética. Metafísica da alteridade. Outro.

Abstract: The task of discussing the ethical thought of Emmanuel Lèvinas and the last publication in life of Clarice Lispector resulted in: “IT’S MY FAULT”: LEVINASIANS PROSPECTS FOR A READING OF THE WORK *THE HOUR OF THE STAR*, OF CLARICE LISPECTOR. To read Clarice’s work from this perspective, we chose a path that addresses the *Ideatum* – proper idea – from some ideas leveraged by the Lithuanian-Jewish philosopher in his critics over ontology, which leads him to engineer the Metaphysics of Otherness. The novel *The Hour Of The Star*, reviewed in this scope, shares, therefore, of the same spirit, informer of an excluding system, which annihilates the Other and, and makes the I a prisoner of himself inside himself.

Keywords: *The Hour Of The Star*. Ethics. Metaphysics of Others. Other.

Preâmbulo

O pensamento de Emmanuel Lèvinas, contestador de toda forma de racionalização resultante em totalização, nasceu do contato massacrante com os nazistas, que se utilizavam da razão e de regimes totalitários para oprimir e neutralizar o diferente, numa tentativa egoísta de reunir o todo no Mesmo – Eu – (pureza da raça). Mas, quem disse que com o fim dos totalitarismos extinguiu-se a tirania sobre o ser humano? Na atualidade, o Eu de cada homem exerce, por meio de uma liberdade

arbitrária, o seu poder de poder sobre o próximo, desrespeitando, assim, a alteridade deste. Esta prática de tortura e opressão, não mais com ferramentas de guerra, mas com a força esmagadora do discurso, proveniente da inteligência, é fonte primeira de manutenção do sistema marginalizador da sociedade, que aniquila qualquer atitude ética para com o Outro.

Daí a crítica contundente de Lèvinas à filosofia ocidental que, ao enaltecer o ser do sujeito e sua identidade, tornou-se a mantenedora máxima da ditadura do si-Mesmo, sobre tudo o que se distancia e se difere dele. Este ser engloba tudo e todos numa totalidade, promovendo a redução do Outro a um mero objeto cognoscível. Eis o mandamento fundamental da ontologia heideggeriana, que, em conjunto com a fenomenologia de Edmund Husserl, conduziu o filósofo franco-lituano numa busca incansável por outra metafísica, a da alteridade.

A metafísica levinasiana, edificada sob relações éticas de responsabilidade e justiça, estabelecidas no *face a face* com o rosto de outrem, rompe inteiramente com a totalidade e defende que o Outro é infinitamente distante do Mesmo, logo, inabordável por ele. A ideia de infinito, referida por Lèvinas, manifesta-se na aparição do rosto do Outro e transcende qualquer representação física deste. Pois, o rosto em Lèvinas não pode ser visto, está livre de qualquer descrição, é, antes de tudo, significação própria num movimento puramente ético.

A decisão de trabalhar com o filósofo Emmanuel Lèvinas e a escritora Clarice Lispector, à primeira vista autores de pensamentos complexos, surgiu da pretensão de aproximá-los, tomando como referencial maior a obra *Totalidade e Infinito*, a fim de articular sobre algumas concepções levinasianas a respeito da metafísica da alteridade. Objetivando-se, com isto, experimentar uma possível “concretização”² do pensamento filosófico levinasiano – de recusa à ontologia, por respeito e responsabilidade ao próximo –, com uma leitura da obra clariceana *A Hora da Estrela*. Para tal, fez-se necessário um percurso na vida e nas principais obras dos autores, evidenciando nele a dura crítica e a ruptura com a filosofia ocidental e observando nela um movimento ético de censura à ontologia, visto que a obra pesquisada é um desabafo sobre uma “inocência pisada”, como denomina a própria autora, e sua revelação provém de um rosto suplicante que transpõe o visível, tal qual o rosto levinasiano.

Neste Artigo, longe de servir-se de todo o universo filosófico levinasiano, pretende-se, aprioristicamente, negritar e redimensionar – quiçá uma exegese, se necessário – algumas das perspectivas fundamentais do pensamento deste autor. Dentre elas, o Rosto, âmago do discurso levinasiano, será aprofundado e discutido, pois é a matéria-prima para tessitura da obra *A Hora da Estrela*³, que se ousa ler a partir destes apontamentos.

1 A metafísica da alteridade precede a ontologia

Antes de discorrer acerca da Metafísica da alteridade de Emmanuel Lèvinas, é indispensável apresentar a *ontologia (ou onto-teologia) existencial*, do filósofo Heidegger, fonte de refutação do projeto Levinasiano. “A ontologia é a essência de toda relação com os seres e até de toda relação no ser (LÈVINAS, 2004, p.25)”. A ontologia heideggeriana, compreensão do ser – *logos* do ser, práxis da filosofia ocidental, retomada pela filosofia contemporânea – implica no conhecimento do ser num âmbito “generalizador”. Compreender o ser transcende a teoria e envolve todo comportamento humano.

A teorização do *ser do ente* pelo ser cognoscente implica a liberdade deste em relação àquele – outrem, que neste processo de conhecimento é destituído de sua alteridade. “O homem inteiro é ontologia. Sua obra científica, sua vida afetiva, a satisfação de suas necessidades e seu trabalho, sua vida social e sua morte articulam com um rigor que reserva a cada um destes momentos uma função determinada, a compreensão do ser ou a verdade (*Id. Ibid.*, p. 22)”. Eis a hermenêutica da realidade ontológica galgada por Heidegger em sua obra prima: *Ser e Tempo*, a intelecção existencial do ser humano, a ideia de *ser-no-mundo, Dasein*, com todas as suas implicações.

Lèvinas reflete que esta compreensão corrobora o esquecimento do ser, e dela deriva nossa civilização. Ele arremete, repugnando a captação e redução do *ente* (outrem) ao *ser do ente*, traduzido pela sua verdade; diz que a verdade existe não porque o ser existe. Todavia, devido à abertura idiossincrática e inerente do ser é que se dá a verdade. Ontologicamente, o ser é apreendido pela compreensão.

Filosofia do poder, a ontologia, como filosofia primeira que não põe em questão o Mesmo, é uma filosofia da injustiça. A ontologia heideggeriana que subordina a relação com outrem à relação com o ser em geral – ainda que se oponha à paixão técnica, saída do esquecimento do ser escondido pelo ente – mantém-se na obediência do anônimo e leva fatalmente a um outro poder, à dominação imperialista, à tirania (LÈVINAS, 1988a, p. 34).

Com veemência, Lèvinas refuta a ontologia e almeja a Metafísica da Alteridade. A Metafísica, na ótica levinasiana, concebe a alteridade de outrem desvinculada de qualquer tentativa de intelecção ou imperialismo do Mesmo. Destarte, ela é anterior a qualquer ação do eu. Contudo, é na relação do eu com o Outro, o *absolutamente Outro*, em que ambos estão separados e impossibilitados de possuir ou objetivar um ao outro, que a exterioridade (distância) se apresenta. Esta relação é estabelecida por

meio da linguagem e da expressão e, cada um permanece em si, separado, distante, porém *frente a frente*.

A linguagem desempenha de facto uma relação de tal maneira que os termos não são limítrofes nessa relação, que o Outro, apesar da relação com o Mesmo, permanece transcendente ao Mesmo. A relação do Mesmo com o Outro – ou metafísica – processa-se originalmente como discurso em que o Mesmo, recolhido na sua ipseidade de “eu” – de ente particular único e autóctone – sai de si (*Id. Ibid.*, p. 27) (Grifo do autor).

Lèvinas evidencia a não possibilidade de reversibilidade na relação com a exterioridade de outrem, visto que regressaria ao Mesmo aniquilando, dessa forma, “[...] a alteridade radical do Outro. O poder do eu não percorrerá a distância indicada pela alteridade do outro (*Id. Ibid.*, p. 26)”.

Diante disto,

O Outro metafísico é outro de uma alteridade que não é formal, de uma alteridade que não é simples inverso da identidade, nem de uma alteridade feita de resistência ao Mesmo, mas de uma alteridade anterior a toda iniciativa, a todo o imperialismo do Mesmo; outro de uma alteridade que constitui o próprio conteúdo do Outro; outro de uma alteridade que não limita o Mesmo, porque nesse caso o Outro não seria rigorosamente Outro: pela comunidade da fronteira, seria, dentro do sistema, ainda o Mesmo (*Id. Ibid.* p. 26).

Lèvinas, entrevedo a possibilidade de relação fora da totalidade, ratifica que o movimento metafísico é transcendente. Esta transcendência implica o distanciamento do Mesmo por si, do Outro – *separação*. A ideia de separação em Lèvinas ocasiona a ruptura da totalidade. Isto demanda “A exterioridade absoluta do termo metafísica [...] (*Ibid.*, p.23)”. Portanto, o filósofo judeu-lituano rompe com a totalização do ser e irrompe uma exterioridade absoluta – adentra a maneira de existir do Outro sem, entretanto, totalizar o metafísico e o *Alter*. Enfim, o metafísico, embora absolutamente separado, mantém uma relação de exterioridade com o Outro.

Com isso, ele reitera a impossibilidade do Outro ser reduzido ao Mesmo num movimento reversível:

O metafísico e o Outro não constituem uma qualquer correlação que seria reversível. A reversibilidade de uma relação em que os termos se lêem indiferentemente da esquerda para a direita e da direita para a esquerda ligá-los-ia *um ao outro*. Completar-se-iam num sistema, visível de fora. A transcendência pretendida fundir-se-ia assim na unidade do sistema que destruiria a alteridade radical do Outro (*Id. Ibid.*, p. 23) (grifo do autor).

Para ele, todavia, a distância que separa o eu de Outrem seria preenchida se ambos fossem enquadrados num escopo comum. *A alteridade só é possível a partir de mim*. Lèvinas sugere a terminologia *religião* ao liame não-totalizador e assimétrico entre o Mesmo e o Outro. Há nestas

circunstâncias uma separação, outrem é divinizado e está distante de Mim. A distância jamais será suprimida nesta relação, suscitando, inevitavelmente, a fé e o Desejo insaciável.

1.1 Desejo metafísico

Após esta manifestação do *absolutamente Outro*, possível num âmbito do relacionamento metafísico, é relevante discorrer acerca do Desejo metafísico – *Desejo do invisível*. Outrem, em instâncias metafísicas, não pode receber a conotação de coisa – objeto – passível de alienação, possessão, contemplação – ou de pátria onde moro. Daí, para Lèvinas a palavra Desejo repugna todas as acepções que lhe são peculiares; nestes termos o Desejável não sacia o Desejo, não objetiva suprir necessidades – *é Desejo que não poderemos satisfazer*. Dessa forma, “O Desejo metafísico tem uma outra intenção – deseja o que está para além de tudo o que pode simplesmente completá-lo” (LÈVINAS, 1988a, p. 22).

O Desejo é desejo do absolutamente outro. Para além da fome que se satisfaz, da sede que se mata e dos sentidos que se apaziguam, a metafísica deseja o Outro para além das satisfações, sem que da parte do corpo seja possível qualquer gesto para diminuir a aspiração, sem que seja possível esboçar qualquer carícia conhecida, nem inventar qualquer nova carícia (*Id. Ibid.*, p. 22).

Consequentemente, este Desejo insaciável corrobora a separação, a alteridade e a exterioridade do altíssimo, do *Alter*; entende a alteridade sem, contudo, adequá-la ou formatá-la no plano das ideias. Com isso, o Outro está sempre num plano superior na relação – *altura*. O Outro quando dotado de alteridade é análogo ao altíssimo na relação Deus e homem, no âmbito cristão. Na ética da alteridade desejada por Lèvinas, o Outro é divinizado na relação com o eu. “A própria dimensão da altura é aberta pelo Desejo metafísico (*Id. Ibid.*, p. 22-23).” Por isso, Lèvinas considera nesta relação a *dessimetria do interpessoal*. O Outro está sempre acima de Mim, conduzindo-Me a um comportamento ético.

2 Uma leitura levinasiana da obra *A Hora da Estrela*

Ler a “novela” HE, como classifica Lispector, com uma ótica levinasiana e reiterar a crítica ao pensamento ocidental, a cultura egocêntrica, a fragmentação do eu, do Outro, outrora alavancada por Lèvinas, torna-se clarividente quando fazemos, conjuntamente, um excuro na vida da autora. Uma vida de dedicação ao próximo, como externa o sentido diacrônico do vocábulo escritor: aquele que escreve pelos outros, para os outros. “Na atividade de escrever o homem deve exercer a ação por

desnudamento, revelar o mundo, o homem aos outros homens (BORELLI *apud* NOVELLO, 1987, p. 134).” A obra é, antes de tudo, um relato, um desabafo do autor Rodrigo S.M. Este conta a história da nordestina Macabéa na cruel sociedade do Rio de Janeiro, a partir do registro de *atos sem literatura*, desnudando o real através de uma história *verdadeira, embora inventada*. História esta que, segundo o autor, *acontece em estado de emergência e de calamidade pública*, e exige a participação dos leitores para continuá-la, visto que se trata de *livro inacabado*, por ser um questionamento, uma pergunta.

Para desnudar, revelar Macabéa ao leitor, Clarice Lispector opta por uma máscara masculina, um narrador-personagem; Rodrigo S.M., acrescentando certa imparcialidade ao discurso/denúncia. O (A) próprio(a) autor(a) explica na narrativa o motivo: “[...] porque escritora mulher pode lacrimejar piegas (HE, p. 14)”. Agregando sentidos outros a esta escolha, infere-se que com esta máscara, Clarice Lispector objetiva sair de si, mudar o foco de sua escritura, quase sempre introspectiva. Ao invés de somente narrar-se, narra-se também o Outro.

Conquanto Lispector tanto em entrevistas, poucas vezes concedidas, como em sua obra, confesse não ser uma escritora profissional, visto que escrevia o quê e quando quisesse – “[...] acontece que só escrevo o que quero, não sou um profissional (HE, p. 17).” – isto reafirma o Desejo de denunciar, transposto para a obra HE e “traduzido” na personagem Macabéa. Por conseguinte, declara que o que escreve um outro escritor escreveria, porventura, na ânsia de negritar o que para ela era óbvio: a injustiça social. Outrossim, Rodrigo/Clarice coloca em xeque a mínima expectativa de a escrita reverter esta situação – (*Quanto a escrever, mais vale um cachorro vivo*).

Ao escrever, o autor-narrador-personagem/Clarice descreve a existência impessoal de Macabéa, visto que a relação com o Outro é sensibilidade – “Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo (HE, p. 11)”. Sua escrita é uma crítica, a partir da metafísica, um questionamento, uma pergunta: *Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever* (HE, p. 11). E escreve com simplicidade sobre algo que o(a) transcende, ultrapassa – *Vejo que escrevo alguém e além de mim*, por isso, a narrativa (Macabéa) não decorre da inteligência, compreensão, de ontologismos. É, antes de tudo, revelação. Costa (2000) vislumbra que “A intenção Crítica da metafísica a situa para **além** (excedência) ou **alguém** (originalidade) da ontologia e da inteligibilidade, como ‘logos’ violentadores (p. 121)” (Grifo do autor) (Grifos nossos). Assim, Lispector, com esta escrita, abre-se e na abertura, contata com uma verdade outra, alheia – *quando escrevo não minto*. Escreve sobre o Outro que, na Metafísica da Alteridade, antecede e excede o ser (si-mesmo).

Certamente, as palavras são mentirosas, produto da história, da sociedade, do inconsciente; elas dissimulam a mentira a todos e ao próprio mentiroso – e é-se irremediavelmente enganado quando, em um pensamento expresso, não se buscam as segundas intenções, quando se toma ao pé da letra o que nos é dito – mas a gente não se encontra em toda esta fantasmagoria, não se inaugura a própria obra da crítica senão a partir de um ponto fixo. Esta não pode ser uma verdade incontestável qualquer, um enunciado “certo” [...], mas o absoluto de um interlocutor, de um ser, e não de uma verdade relativa a seres (LÈVINAS, 2004, p. 57-58) (Grifo do autor).

O autor/Clarice ratifica que quando escreve não mente, pois almeja explicitar ao leitor o intuito do relato impiedoso para fazer entender o *dizer*, o que está por trás do discurso, pelo *dito*; a crítica à insensibilidade esmagadora do próximo, à *inocência pisada*: “[...] esta história será feita de palavras que se agrupam em frases e destas se evola um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases (HE, p.14)”. Apesar de trair seu pensamento, pois o *dito* atraiçoa o *dizer*, tenta traduzir o intraduzível, objetivando concretizar a denúncia social.

Um desejo sem satisfação, congruente ao Desejo metafísico, conduz o autor-narrador-personagem/Clarice a transpor para narrativa o *dizer*, pensamento. Lèvinas considera a tradução do pensamento uma autotraição; porquanto empreende traduzir o que não é passível de tradução. Em HE, narrar o inefável. “Há em Clarice Lispector uma retórica cuja matéria prima é o silêncio, onde o que lhe interessa é o não dito, o sentido que pulsa em cada coisa, mas que não foi ainda auscultado pelo senso comum (LIMA, 2003, p. 3).” Clarice Lispector, diante da interpelação do rosto da nordestina, consegue ir além da imagem plástica (*dito*), contata com uma verdade que a ultrapassa.

3 Rosto: uma verdade que me ultrapassa

É em torno do rosto que se desencadeia a trama da novela clariceana. O autor Rodrigo S.M/Clarice apresenta a personagem Macabéa do ponto de vista ontológico, expondo o modo como o mundo ocidental “vê” o Outro, o Estranho, reduzindo-o ao Mesmo. Sua denúncia parte de uma *verdade nua e crua*, de uma realidade transformada em ficção, para ir além da essência do ser, “[...] ultrapassando a ideia do Outro em mim [...] (LÈVINAS, 1988a, p.37)”.

Em Lèvinas o rosto é manifestação. Epifanicamente revela-se a Mim, desnudando seu sentido, sem necessitar de Mim para se fazer significado. É o que acontece com Clarice Lispector. Antes de iniciar a construção de sua obra HE, ela recebe a visitaçao do rosto, que a impele a escrever. O rosto apresenta-se à escritora em meio à multidão, como ela mesma relata em entrevista ao jornalista Júlio Lerner: “[...] no Rio de Janeiro tem uma feira dos nordestinos no Campo de São

Cristóvão e uma vez eu fui lá. Daí começou a nascer a ideia”. Segundo a amiga Olga Borelli (*apud* GUIDIN, 1994, p. 85-86), nesse dia Clarice iniciou suas anotações sobre Macabéa e, “Aos poucos, ela foi tomando vulto e se impondo”. Mas foi em Recife, cidade onde morou a escritora, que “*Maca vinha com mais facilidade*; suscitando o irrecusável apelo.

Na obra, o narrador/escritor(a) explica, exatamente, como o rosto apresentou-se a ele: “[...] numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance um sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina (HE, p. 26)”. O rosto da moça, despido de sua forma habitual – elementos expressivos – revelou-se a Rodrigo S.M./Clarice, invocando-o, e este o acolheu tomando para si a responsabilidade de gritar por ela, ou seja, pelo Outro. A nudez do rosto expressa pobreza, indignação, abandono, o próximo exige respeito e resposta a sua súplica – *mandamento* – que destrói qualquer esforço da consciência de abarcá-lo, de transformá-lo em conteúdo, pois a presença do rosto desordena a *intencionalidade que o visa*: “[...] o que escreverei não pode ser absorvido por mentes que muito exijam e ávidas de requintes. Pois o que estarei dizendo será apenas nu (HE, p. 16)”.

O Outro que está diante de mim não está incluído na totalidade do ser expresso. Ele ressurgue por detrás de toda reunião do ser, como aquele para quem eu exprimo isto que exprimo. Eu me reencontro diante do Outro. Ele não é nem uma significação cultural, nem um simples dado. Ele é primordialmente sentido, pois ele o confere à própria expressão, e é por ele somente que um fenômeno como o da significação se introduz, de per si, no ser (LÉVINAS, 1993, p. 50).

O apelo do Outro promove a abertura de uma nova dimensão, que surge *na sensibilidade do rosto*, ultrapassando toda forma plástica, toda imagem construída a partir da visão: “Ninguém percebia que ela ultrapassava com sua existência a barreira do som. Para as pessoas outras ela não existia (HE, p. 63)”. Ao receber a visitação do rosto, Rodrigo S.M./Clarice vai além da impressão visual, excede os limites do olhar, do conhecimento, da percepção, pois o rosto é significação primeira. Visualizar um rosto e ter a possibilidade de descrevê-lo, como traços físicos: boca, nariz, olhos, é inevitável transformá-lo em objeto, em coisa passível de possessão. O narrador/escritor(a) sentiu a presença do rosto e o quis “mostrar” ao leitor, mesmo sendo o rosto irreduzível ao olhar: “Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua (HE, p. 19)”.

A relação mantida entre a escritora e o rosto é, de início, estritamente social, ou seja, é, *num primeiro momento, ética*. Ao transpor para o livro a história verdadeira, ela objetiva figurar o infinito no finito, na tentativa de traduzir o rosto do Outro. Trai a ética (da alteridade) *por motivo grave de “força maior”*, delata a cultura egológica; a cegueira social do Eu. Como intui Lévinas: “[...] a exigência ética não é uma necessidade ontológica (1988b, p. 79)”. Se a ética, obviamente, não faz parte do mundo

ontológico, e Clarice agiu eticamente ao escrever sobre a nordestina, responsabilizando-se pelo Outro, neutraliza-se, então, o estereótipo de escritora alienada e ontológica que lhe atribuiu a crítica literária, pelo menos no que diz respeito à HE. A narrativa, pois, revela outra faceta da autora: sua escrita emerge para a exterioridade – “Escrevo neste instante com algum prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa tão exterior e explícita (HE, p.12)” – busca o Outro, mesmo reduzindo o rosto a sua simples representação. O narrado/escritor(a) explica: “É que de repente o figurativo me fascinou: crio a ação humana e estremeço. [...] Para desenhar a moça tenho que me domar, e para poder captar sua alma tenho que me alimentar frugalmente de frutas e beber vinho branco gelado [...]” (HE, p. 22).

Assim como: “[...] tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa rasgada. Tudo isso para me pôr no nível da nordestina” (HE, p. 34).

Na tentativa de igualar-se, de certa forma à moça, Rodrigo/Clarice renuncia a privilégios que Macabéa nem sonhava ter, tudo isso para imergir no mundo da imigrante. Lèvinas diz que no acolhimento do rosto estabelece-se a igualdade entre o Mesmo e o Outro, porque “[...] o Outro comanda o Mesmo e se lhe revela na responsabilidade [...] (LÈVINAS, 1988a, p. 192)”, como o rosto é ordem, impõe-se ao narrador/escritor(a): “Ela forçou de dentro de mim a sua existência (HE, p. 29-30)”.

A exposição do rosto da nordestina despertou em Clarice uma perturbação, um irrefreável Desejo de tentar relatar o irrelatável, de amplificar, mesmo que ontologicamente (como explicitado acima), aquele clamor por justiça: “O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. É dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida (HE, p. 27)”. Portanto, narrar com ontologismos a história de Macabéa, não significa enquadrar Clarice neste rótulo; longe disso, este foi um artifício utilizado pela escritora para fazer-se ouvir como voz que brada por outrem.

Uma vez intimada pelo rosto, que reclama obrigação, Clarice respondeu ao apelo, à *miséria essencial*, por meio do recurso que dispunha, a escrita; embora consciente que esta não modificaria a realidade, no entanto, porventura a tornaria visível: “E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa (HE, p. 17)”. Mas temia que com seu intento de personificar a nordestina e sua vida massacrante, a partir da manifestação de um rosto nu, estivesse profanando o mistério do Outro, daí a reflexão de Rodrigo S.M./Clarice: “Será que entrando na semente de sua vida estarei como que violando o segredo dos faraós? Terei castigo de morte por falar de uma vida que contém como todas um segredo inviolável? (HE, p. 39)”.

O caráter reflexivo permeia a obra, o autor-narrador Rodrigo S.M./Clarice, por vezes, demonstra um sentimento dual em relação à nordestina. Primeiro a deprecia, revelando uma extrema insatisfação pelo existir de Macabéa: “Estou com raiva. Uma cólera de derrubar copos e pratos e quebrar vidraças. Como me vingar? [...] Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce e obediente (HE, p. 26)”. Logo depois, padece-se de sua personagem, demonstrando uma espécie de paixão/compaixão que permeia toda a obra, contradizendo, assim, o relato que deseja frio: “Só eu a vejo encantadora. Só eu, seu autor, a amo. Sofro por ela (HE, p. 27)”. Para Lèvinas é o rosto, em sua miséria, que suscita tal atitude ambígua: “O rosto está exposto, ameaçado, como se nos convidasse a um acto de violência. Ao mesmo tempo, o rosto é o que nos proíbe de matar (1988b, p. 78)”.

Clarice se apaixona por seus personagens, se apaixona de uma paixão que desemboca numa compaixão, ou seja, ela é solidária com suas criaturas, ela é fraterna. Ela nasce, ama, sofre e morre com seus personagens pois contamina-se perdidamente de cada um quando os cria (LIMA, 2003, p. 3).

Mas em HE acontece algo mais, além de sensibilizar-se com sua personagem: ama, sofre, e até morre com e por ela. Rodrigo S.M./Clarice deixa-se levar, também, pela ira provocada pelo rosto que exhibe o *seu abandono, seu desamparo e sua mortalidade*; impele o autor/narrador a questionar-se sobre a indiferente posição da moça em relação a si própria. Esta atitude ou, aliás, esta falta de atitude da personagem principal, trás à tona um sentimento de vingança, um desejo de violência contra o rosto desprovido de *mundo*.

O mesmo acontece com o chefe de Macabéa ao informá-la com brutalidade sua demissão, “[...] brutalidade essa que ela parecia provocar com sua cara de tola, rosto que pedia tapa [...] (HE, p. 24-25)”. Mas essa vontade desfaz-se quase que instantaneamente quando o rosto, em forma de invocação, é acolhido, impedindo, assim, qualquer postura violenta do patrão: “[...] voltou-se um pouco surpreendido com a inesperada delicadeza, e alguma coisa na cara quase sorridente da datilógrafa o fez dizer com menos grosseria na voz [...] (HE, p. 25)”. No caso do narrador/escritor (a), a ira cede lugar ao verdadeiro Desejo, o de compaixão por sua personagem, o de responsabilidade e amor incondicional pelo Outro: “Sim, estou apaixonado por Macabéa, a minha querida Maca, apaixonado pela sua feiura e anonimato total, pois ela não é para ninguém (HE, p. 68)”.

São as oscilações do discurso lispectoriano em HE, entre um narrar de busca e respeito à alteridade do Outro – responsabilidade – e um narrar ontológico, proveniente do olhar do eu em relação à Macabéa, que permite-se fazer uma leitura a partir de “conceitos” consagrados pelo filósofo lituano

Emmanuel Lèvinas. “Conceitos” que remontam à influência de um universo distinto do ocidental (baseado na ontologia – supremacia do eu, em detrimento da relação ética com o próximo, logo, redução de outrem), em que o Outro transcende o egoísmo do Mesmo e resiste ao seu poder de dominação. E o Mesmo, por sua vez, responsabiliza-se inteiramente pelo Outro e por toda a humanidade – terceiro.

4 Macabéa substantivo coletivo: terceiro na relação ética

O rosto, indigente, expressa sua súplica em direção ao Mesmo, incitando-o a agir eticamente e anulando, dessa forma, o poder do seu egoísmo. Estabelece-se aí uma relação de respeito à alteridade, de justiça, em que *Outrem me chama à responsabilidade indeclinável*. Responsabilidade que não se restringe apenas ao Outro, pois desta relação também faz parte o *terceiro*, ou seja, todos que na sua singularidade compõem a humanidade. O Mesmo tem sobre si o dever de responder pelo rosto, que reclama justiça, e por todos os homens, que estão, de certa forma, manifestados nesta interpelação. “A relação interpessoal que estabeleço com outrem, também a devo estabelecer com os outros homens; logo, há a necessidade de moderar este privilégio de outrem; daí a justiça (LÈVINAS, 1988b, p. 81).”

Em resposta ao apelo apresentado pelo rosto da moça, Rodrigo S.M./Clarice, ao escrever a obra, por vezes, retira-se do seu individualismo, para transpor-se ao “lugar” do Outro – “Apesar de eu não ter nada a ver com a moça, terei que me escrever todo através dela por entre espantos meus (HE, p.24)”. – resultando em um *Eu-com-o-outro*, encontro que transcende a essência do ser. Também, estimula o leitor a sair *de si para ver como é às vezes o outro*. Por mais que isto cause espanto, visto que o Outro é distinto de Mim – “[...] Bem sei que é assustador sair de si mesmo, mas tudo o que é novo assusta (HE, p. 30)”.

Infere-se que, ao escrever sobre Macabéa, Clarice não intuía denunciar apenas a vida marginalizada da imigrante. Sua intenção vai além, trata-se de gritar por toda uma classe desfacelada por um sistema, por uma sociedade tecnicista em que ela (classe) não passa de “[...] um parafuso dispensável: Escrevo portanto não por causa da nordestina mas por motivo grave de ‘força maior’, como se diz nos requerimentos oficiais, por ‘força de lei’ (HE, p. 18)” (Grifos do autor). O motivo grave a que se refere o narrador-escritor/Clarice é justamente o *terceiro*, o próximo do Outro, que da mesma forma é o próximo do eu.

O encontro com Outrem é imediatamente minha responsabilidade por ele. A responsabilidade pelo próximo é, sem dúvida, o nome grave do que se chama amor do próximo, amor sem Eros, caridade, amor em que o momento ético domina o momento passional, amor sem concupiscência (LÈVINAS, 2004, p. 143).

O sistema alienante e excludente baseia-se, unicamente, na totalidade, em que o Outro é dominado e perde sua liberdade para outro ser livre; o desrespeito à liberdade do próximo promove a injustiça. Assim, Lèvinas diz que a injustiça pertence ao universo totalitário, e este, por conseguinte, só existe *graças a outrem como terceiro* (2004, p. 52). No seguinte trecho de HE, Rodrigo S.M./Clarice novamente se faz voz pelo terceiro, relatando a infinidade de pessoas injustiçadas, que vivem nas mesmas condições que a nordestina e que, de tão alienadas, nem se dão conta de sua desnecessária existência para o sistema totalizador, muito menos clamam por justiça, pois parece inexistir quem responda ao clamor:

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (HE, p. 14).

O nordestino, da ficção clariceana, representa o Estrangeiro para Lèvinas, *o que perturba o "em sua casa"*, o Outro desprovido de *pátria comum* e que, por ser o diferente, torna-se o excluído, mas que, ao mesmo tempo, é livre. Lèvinas, a partir da ética da alteridade, consegue gritar pelos injustiçados, pelos milhares de rostos indigentes, necessitados de acolhimento e justiça. Da mesma forma o faz Rodrigo/Clarice: “[...] através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida (HE p. 33)”. “Porque há o direito ao grito. Então eu grito (HE, p. 13).”

Percebe-se, portanto, a busca por uma nova forma de humanismo fundamentada, principalmente, na solidariedade para com o Outro (terceiro) – um *humanismo do outro homem* – em que todos, em sua particularidade, sejam responsáveis pelo próximo e, igualmente, pelo próximo do próximo, presente nesta relação, “[...] resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito (HE, p. 80)”. Uma relação que possibilita a saída do ser, não por meio do conhecimento, e sim por meio da socialidade, pois é a “[...] multiplicidade dos homens e a presença do terceiro ao lado de outrem que condicionam as leis e instauram a justiça (LÈVINAS, 1988b, p. 81)”.

5 A Hora da Estrela: epifania e transfiguração de Macabéa

A morte em Emmanuel Lèvinas tem sentido determinado *na proximidade do outro homem ou na socialidade*. Dessa forma, ele opõe-se, veementemente, ao pensamento heideggeriano de que se *morre sozinho*, de que o ser relaciona-se fundamentalmente com a morte e não com outrem. O filósofo da alteridade atribui ao Mesmo, a responsabilidade pela morte do Outro e, assim, a impossibilidade de abandoná-lo à *sua solidão*, de deixá-lo morrer só; logo, não se morre sozinho. O rosto indefeso do Outro suscita tanto *o não matarás*, quanto o desejo assassínio; esta “[...] nudez é exposição à morte: nudez, indignância, passividade e vulnerabilidade pura (LÉVINAS, 2004, p. 215)”. Mas é, ao mesmo tempo, convocação da responsabilidade do Mesmo por esta morte, como se ela *me dissesse respeito*, mais do que a Minha própria mortalidade.

Como revela Rodrigo/Clarice, Macabéa *nascera para o abraço da morte*. Sua intenção, ao narrar a morte da nordestina, é de fazer com que os verdadeiros culpados por esta morte reconheçam-se na história e reflitam sobre o descaso e a negligência diante de fatos verossímeis: “Mas quem sou eu para censurar os culpados? O pior é que preciso perdoá-los. É necessário chegar a tal nada que indiferentemente se ame ou não se ame o criminoso que nos mata (HE, p. 81)”.

No dia-a-dia, quantos rostos não se manifestam através de um *sentimento de perdição*, implorando por acolhimento? Mas, a preocupação do eu consigo mesmo é tamanha, que *sair de si para ver como é às vezes o outro* pode ser uma tarefa muito árdua, logo, o melhor é acomodar-se em si, e o Outro “[...] é que se arranje: Assim é que os senhores sabem mais do que imaginam e estão fingindo de sonsos (HE, p. 81)”. Fazer algo, então, requer mais que um simples espiar, requer um desprendimento, um renunciar a si mesmo, em benefício do Outro. Macabéa, certa vez, “Ouvira na Rádio Relógio que havia sete bilhões de pessoas no mundo. Ela se sentia perdida. Mas com a tendência que tinha para ser feliz logo se consolou: havia sete bilhões de pessoas para ajudá-la (HE, p. 58)”. O que não acontece com a nordestina, no momento mais necessário, na agonia da morte. “Algumas pessoas brotaram no beco, não se sabe de onde, e haviam se agrupado em torno de Macabéa sem nada fazer assim como antes pessoas nada haviam feito por ela, só que agora pelo menos a espiavam, o que lhe dava uma existência” (HE, p. 81).

O destino de Macabéa foge das mãos do narrador/Clarice a cada instante: “Vou fazer o possível para que ela não morra (HE, p. 81)”. No entanto, salvá-la dos braços da morte, lamentavelmente, não depende dele: “Eu ainda poderia voltar atrás em retorno aos minutos passados e recomeçar com alegria no ponto em que Macabéa estava de pé na calçada — mas não depende de mim dizer que o homem alourado e estrangeiro a olhasse (HE, p. 80)”. A moça é, mais uma vez,

ignorada; o rapaz que fora predestinado a amá-la nem sequer notara o seu rosto, atropela-a como se ela nada fosse – “Minto: ela era capim (HE, p. 31)”.

Rodrigo S.M./Clarice sente-se obrigado a responder pela moça. O sentimento de culpa o invade: “(Quando penso que eu podia ter nascido ela – e por que não? – estremeço. E parece-me covarde fuga de eu não ser, sinto culpa como disse num dos títulos.) (HE, p. 38)”. Ele preocupa-se em não desamparar Macabéa a sua própria sorte, ao acaso; acompanha-a em seus últimos instantes de vida: “Eu poderia deixá-la na rua e simplesmente não acabar a história. Mas não: irei até onde o ar termina, irei até onde a grande ventania se solta uivando, irei até onde o vácuo faz uma curva, irei aonde meu fôlego me levar (HE, p. 83)”.

É chegado o fim, encerra-se o tempo de Macabéa, completa-se sua passagem neste mundo, cessa-se, enfim, seu sofrimento, a tentativa de ser o Ser, sua vida de privações: “Macabéa morreu. Vencera o Príncipe das Trevas [- sua rala existência] [Grifo nosso]. Enfim a coroação (HE, p. 85)”. O autor/escritor(a) cumprindo sua obrigação, pois considera-se cúmplice da morte de Macabéa, por “[...] nada ter feito de concreto em benefício da moça (HE, p. 23)”, morre com e por ela: “Não vos assusteis, morrer é um instante, passa logo, eu sei porque acabo de morrer com a moça (HE, p. 86)”. A morte exposta no rosto do Outro, que reclama e interpela, faz do Mesmo, se negligente ao apelo, diretamente *cúmplice desta morte invisível*. Daí, ser responsável pela morte do Outro, não o deixando morrer sozinho. Portanto, o Mesmo é, “[...] na obrigação de um por qualquer um, o mais obrigado, o único (Lévinas 2004, p. 216)”.

Rodrigo/Clarice anuncia a morte, em HE, como o seu *personagem predileto*. A morte tem um papel essencial na narrativa, pois é com ela que a denúncia concretiza-se, e Macabéa fica “[...] enfim, livre de si e de nós (HE, p. 86)”. A morte significa, na obra, a libertação de uma existência acorrentada ao ser, reduzida ao Mesmo e pelo Mesmo, que nem o próprio autor/escritor(a), por mais desejoso que estivesse de fazer algo, poderia interceder: “Desculpai-me esta morte. É que não pude evitá-la, a gente aceita tudo porque já beijou a parede. Mas eis que de repente sinto o meu último esgar de revolta e uivo: o morticínio dos pombos!!! Viver é luxo (HE, p. 86)”. É preciso aceitar a morte de Macabéa, por mais insensível que seja, pois esta representa não só o som da revolta, o *grito de horror à vida*, dado pelo narrador/Clarice, mas, sobretudo, a dissolução do não-ser – Macabéa. É o fim da vida sem o *grande luxo de viver*. A morte nesta história é a ruptura com a totalidade; Macabéa transfigura-se, passa do finito (totalidade) para o infinito (transcendência); liberta-se de suas limitações.

O ser de cada ente humano não é para a morte, entendida como o instante final e como o último 'confronto com o ser'. Com a morte do ente humano termina seu tempo e se dissolve seu mundo e seu ser. Ao finalizar-se, o ente humano cumpriu em sua morte a totalidade de seu ser (COSTA, 2000, p. 99) (Grifo do autor).

O personagem favorito, a morte, é responsável pela redenção da personagem penitente, a evasão de sua existência maculada. A morte é a única saída do caos em que vive a nordestina – do *il y a* – há catastrófico. É o momento de revelação, trans-ascendência, transfiguração. Macabéa transcende a finitude do seu ser, impossibilidade de ser, para transformar-se em infinito – “A morte que é nesta história o meu personagem predileto. Iria ela dar adeus a si mesma? Acho que ela não vai morrer porque tem tanta vontade de viver (HE, p. 84)”. Com a morte o narrador-personagem diviniza a moça; ela ganha altura, pela primeira vez está acima na relação, o que Lèvinas denomina *dessimetria do interpessoal*. Outrem, nestes termos, convoca o Eu a relacionar-se eticamente, a responsabilizar-se. A morte, de fato, é vida, epifania: para o filósofo lituano este vocábulo denota a revelação de outrem enquanto rosto incorruptível. Com a morte, que de fato é vida – *a vida come a vida* (HE) – recomeço, Macabéa consegue revelar-se, ganha alteridade, exterioridade. Liberta-se do acaso de ser, da exclusão, do isolamento, com uma morte epifânica. A morte “Salvou-a da miséria da ignorância e, sobretudo, salvou-a da neurose e da carência, que um futuro inverossímil não curaria (GUIDIN, 1994, p. 67)”.

A história da nordestina, sem *melodia cantabile*, *descompassada*, é perpassada por explosões, momentos epifânicos. Cada “explosão” corrobora a fuga do “há”, do isolamento, alienação; juntas constituirão a grande “EXPLOSÃO!”, a evasão do anonimato existencial, a epifania: A Hora da Estrela. “Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando, como no canto coral, ouvem agudos sibilantes (HE, p.29)”. Com as explosões, o autor/Clarice revela ao leitor o não-ser que é Macabéa, na tentativa de libertá-la. O Leitor, portanto, torna-se coautor, corresponsável pela morte da moça. Como em Lèvinas, o narrador/Clarice Lispector coloca em xeque o *eu* pela exterioridade do Outro; com isso opõe-se, critica a possibilidade de redução do Outro ao Mesmo; pensamento que subsume a alteridade à totalidade. À morte epifânica de Macabéa, pode-se equiparar a *evasão do ser*, discutida por Lèvinas que, inexorável e (in)suficiente em si, busca sair do ser, evadir-se para algures.

Noutras palavras, necessidade de “romper o encadeamento mais radical, mais irremissível, o fato de que o eu é si próprio”. Uma tarefa de tal magnitude só pode ser levada a cabo se “o eu que deseja sair de si próprio se escapar enquanto ser limitado” (COSTA, 2000, p. 192) (Grifos do autor).

Com a morte Macabéa torna-se infinito... Liberta-se da ânsia de, do enjoo de, do mal envolto no ser. Costa (*Ibid.*) discorre que para empreender uma exegese do mal do ser, intrínseco à existência ontológica, faz-se mister analisar uma experiência que manifeste este mal: a náusea. Ele ilustra:

A náusea como a expressão do mal está ligada à experiência do vômito (vomitar é livrar-se de) e do alívio (estar livre de). A náusea indica um mal que nos faz sentir totalmente enfermos, mas esta enfermidade não vem de fora, está lá dentro. 'Somos provocados a partir do interior; nosso fundo se volta sobre nós'. Na náusea experimentamos uma presença impugnant de nós para nós mesmos, não é como um obstáculo exterior de que podemos nos livrar, a náusea está presa a nós mesmos. Sentir-se nauseado é uma experiência desnorteadora que inviabiliza 'toda tentativa de agir e de pensar' (*Id. Ibid.*, p. 196-197) (Grifos do autor).

A história da nordestina, *verdade que há no prenúncio*, narra um existir nauseante. O enjoo, como a dor, perpassa toda a trama. Macabéa, no ensaio de ser, refreava no decorrer dos fatos a ânsia de vômito. Vomitar seria desperdiçar o que ela tinha, o que a preenchia, "Porque, por pior que fosse sua situação, não queria ser privada de si [...] (HE, p. 32)". Aprisionava-se, conseqüentemente, no não-ser que ela era, ratificando a impossibilidade de ser, de ter uma identidade – absolutismo do ser. "Nunca se queixava de nada, sabia que as coisas são assim mesmo [...] (HE, p. 35)". Lèvinas (*apud COSTA, 2000*) deslinda:

Na náusea, que é uma impossibilidade de se ser o que se é, se está ao mesmo tempo cravado em si mesmo e preso num círculo estreito que sufoca. Se é aqui, e não há mais nada a fazer, nem nada a acrescentar a este fato, a que fomos inteiramente abandonados, de que tudo está consumado: é a própria experiência do ser puro (p. 197).

Macabéa, nos seus momentos finais, sozinha entre os capins, escapa da impossibilidade de ser o que é, ou seja, não-ser; consegue liberta-se de si mesma. Todos os enjoos somam para o instante luminoso, a transfiguração – "Nesta hora exata Macabéa sente um fundo enjoo de estômago e quase vomitou, queria vomitar o que não é corpo, vomitar algo luminoso. Estrela de mil pontas (HE, p. 85)". A moça de vida primária, a datilógrafa incompetente, a herança raquítica do sertão, o cabelo da sopa de Olímpico, ao vomitar o mal que a atormentara, sua existência nauseante, transfigura-se toda iluminada. Enfim, a nordestina desvencilha-se de si, de seu interior, sente uma impugnação de si mesma. Ao vomitar cessa a náusea, o mal que a sufocara; vence a enfermidade existencial – "O que é que estou vendo agora e que me assusta? Vejo que ela vomitou um pouco de sangue, vasto espasmo, enfim o âmago tocando no âmago: vitória! (HE, p. 85)". *Até tu, Brutus?! [...] Macabéa morreu...* Ou melhor, ultrapassou a finitude de seu Ser.

Perspectivas finais

Dialogar literatura e filosofia está distante de ser uma prática inusitada; ainda mais quando se trata da escritura crítico-reflexiva de Clarice Lispector. A literatura é um campo transdisciplinar, é fonte para as mais diversificadas elucubrações... Daí as inesgotáveis possibilidades de experiências: leituras, análises e possíveis intertextualidades; quiçá outrora jamais cogitadas. Neste trabalho, resultado de pesquisas enriquecedoras e humanizadoras, objetivou-se expressar a flexibilidade da palavra, no caso da obra literária, e a abertura para novas perspectivas de pesquisas em clássicos do cânone, talvez desgastados, como a novela *A Hora da Estrela*, por análises ávidas de delimitações que enclausuram o texto e seu autor em rótulos que os delineiam estanques.

Lévinas e Lispector numa intertextualidade pela causa social. Literatura e filosofia num movimento antipanfletário que extrapola o texto, realidade ficcional, e arremete o leitor a refletir sobre o mundo, realidade vivida. O filósofo franco-lituano não crer “[...] que a filosofia pura possa ser pura sem ir ao problema social (LÉVINAS, 1988b, p. 48)”. O que para Lispector é um sentimento tão básico que não havia necessidade de transpô-lo para obra literária. Contudo, transforma em realidade ficcional de forma sublime. O resultado é uma obra feita sem palavras, um livro que é uma fotografia muda do mundo real, uma pergunta, um relato em defesa do Outro como classe. Conquanto em *A Hora da Estrela* o narrador teça a crítica a partir de um discurso ontológico, isto facilitou dialogar Lévinas e Lispector, pois ambos o refutam.

Ao ousar ler a obra *A Hora da Estrela*, a partir de apontamentos levinasianos, pretendeu-se, além de externar e amplificar o anseio por uma ética do humano e a refutação ao sistema excludente, cúmplice das atrocidades da organização “bárbara”, antiética, que vós chamais sociedade, experimentar narrar não o inenarrável, todavia uma experiência desvencilhada de experiências científicas arraigadas no universo acadêmico e crítico-literário. Em suma, intuiu-se alargar, ainda mais, as possibilidades de leituras inerentes aos textos e, em especial, às obras literárias.

Referências

- COSTA, Márcio Luis. **Lévinas: uma introdução**. Petrópolis: Vozes, 2000.
GOTLIB, Nádia Battella. **Clarice Fotobiografia**. São Paulo: EDUSP, 2008.

GUIDIN, Márcia Lígia. **Roteiro de leitura: A hora da estrela**, de Clarice Lispector. São Paulo: Editora Ática, 1994.

LENER, Jaime. **A última entrevista de Clarice Lispector**. *Revista Shalom*, n. 296. Disponível em <<http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/claricelispector.htm>>. Acesso em: 10/11/2009.

LÈVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988a.

_____. **Ética e Infinito**. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1988b.

_____. **Humanismo do Outro Homem**. Trad. Pergentino S. Pivatto (Coord.). Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Trad. Pergentino S. Pivatto *et al.* Petrópolis: Vozes, 2004.

LIMA, José Batista de. Clarice Lispector: Epifania ou transfiguração? **Rev. Humanidades**. Fortaleza, v. 18, n. 1, jan./jun. 2003. pp. 7-24

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NOVELLO, Nicolino. **O Ato Criador de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Presença/Minc/Pró-Memória/INL, 1987.

¹ Aluno do programa de pós-graduação (*Strictu senso*) – Linguagens e Saberes na/da Amazônia – UFPA/Bragança; Esp. em Ensino-aprendizagem de Língua e Literaturas – UFPA/Capanema; Graduação em Letras (Língua Portuguesa) – UFPA/Capanema.

² Tentar aproximar do real o pensamento, o abstrato, uma vez que palavras não abarcam a essência do pensamento.

³ Doravante utilizar-se-á a sigla HE para todas as citações referentes à obra *A Hora da Estrela*.